

## Das Filipinas e do mundo

(baseado na declaração “What is Happening to Our Beautiful Land?”, da Conferência dos Bispos Católicos das Filipinas, de Janeiro de 1988)

*As Filipinas encontram-se agora num ponto crítico da sua história. Há alguns anos que vimos experimentando instabilidade política, declínio económico e aumento de conflitos armados. [...] Tendemos a ignorar uma crise mais instalada, a qual, pensamos nós, se encontra na raiz de muitos dos nossos problemas económicos e políticos. Dito de forma simples, o nosso país corre perigo. Todos os sistemas de vida na terra e nos mares à nossa volta estão a ser explorados sem contemplação. O prejuízo causado até hoje é extenso e, triste é dizê-lo, frequentemente irreversível. [...] O quadro que está a emergir de cada província do país é nítido e sombrio. O ataque ao mundo natural que beneficia muito poucos filipinos está a derrubar pela base o nosso mundo vivo e a pôr em perigo a sua fecundidade para as gerações futuras.*

Causa admiração como, há mais de três décadas (1988), os bispos das Filipinas, quais profetas a quem ninguém presta atenção, partilharam um olhar tão clarividente sobre realidade do seu país, alertando para o ponto crítico em que se encontravam, com causas e efeitos indesejáveis. O seu apelo não surtiu efeito. E ainda mais nos abala que o texto seja tão actual e abrangente, dado que as tendências destrutivas, que se pedia em vão que fossem revertidas, se verificam afinal por todo o mundo e vêm agravando, talvez irremediavelmente, os danos que não cessam de produzir.

Para os prelados filipinos, há uma situação séria, triste e de pecado que é contrária ao ensinamento da fé:

*Quando reflectimos sobre o que está a acontecer à luz do Evangelho, ficamos convencidos de que este ataque à criação constitui pecado e é contrário ao ensinamento da fé. A Bíblia conta-nos que Deus criou este mundo (Gn 1, 1); que ama o seu mundo e está satisfeito com ele (Gn 1, 4, 10, 12, 18, 21, 25 e 31); e que Ele criou homem e mulher à sua imagem e os encarregou de cuidarem da sua Criação (Gn 1, 27-28). Deus, que criou o nosso mundo, ama a vida e deseja partilhar essa vida com cada criatura. S. João diz-nos que Jesus olhava a sua missão sob este prisma: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em plenitude” (Jo 10, 10).*

E referem com respeito o que nos pode ensinar a ciência, que estuda «a teia de relações dinâmicas que suportam e sustentam toda a vida dentro da casa terrena, a qual inclui a vida humana».

Apelam a que se respeite e defenda a vida, pois a prazo, «tornar-se-á o planeta inóspito para a vida», e lembram que os cristãos são «chamados a pôr-se do lado da vida, a proteger a dádiva do Criador para esta e para as futuras gerações». Há populações a

enfrentar carências básicas (alimentares e de saúde, por exemplo), «o que conduz inevitavelmente a instabilidade política e social».

Depois de afirmarem que vêem beleza e dor na Terra, lembram como os antepassados mostravam sensibilidade e respeito pelos ritmos da natureza, mas as mudanças recentes vieram afectar a fertilidade da terra e dissipar a diversidade das espécies, que, em certas paragens, formavam «uma maravilhosa comunidade de seres vivos que existia havia milhões de anos antes de os seres humanos chegarem».

A criação «é um longo processo» e a terra em que vivemos foi sendo moldada ao longo de milhões de anos para atingir a presente «beleza, riqueza e esplendor»:

*Deus destinou esta terra para nós, suas criaturas especiais, mas não para que a pudéssemos destruir e deixar desolada. Antes, nos encarregou de sermos os zeladores da sua criação, de cuidarmos dela, de protegermos a sua fecundidade e não permitirmos que fosse devastada (Gn 1, 28).*

A acção do homem, nuns milhares de anos, destruiu, por exemplo, florestas e as criaturas que as habitavam, que são obras-primas de Deus:

*A humanidade esqueceu como se vive em paz com outras criaturas. Destruiu os seus habitats e deu-lhes caça implacavelmente. Hoje, muitas espécies já estão extintas, mas é de esperar que a dizimação de espécies aumente dramaticamente.*

Usa-se com frequência a palavra “progresso” para referir o que se passou nas décadas mais recentes, mas, há 30 anos, os bispos das Filipinas convidavam a reflectir:

*Podemos dizer que há verdadeiro progresso? Quem beneficiou mais e quem suportou os custos reais? Os pobres estão desfavorecidos como sempre e o mundo da natureza foi gravemente ferido. Deixámo-lo nu, silenciámos os seus sons e banimos outras criaturas da comunidade dos vivos. Com a nossa negligência e ganância pecámos contra Deus e a sua Criação.*

«Uma coisa é certa», diziam, «não podemos continuar a ignorar e desrespeitar a Terra», com a nossa «miopia e loucura»

Podemos e devemos fazer alguma coisa, isso sim. Estamos a caminhar para o abismo, mas o Criador pedir-nos-á responsabilidades, tal como as gerações futuras. É a nossa casa comum, cabe-nos cuidar, tomar conta dela, protegê-la e amá-la. O que há a fazer para a preservar e curar é avassalador, tendo de enfrentar muita ganância e o avanço sem escrúpulos da economia de pilhagem.

*Mas não devemos perder a esperança. Deus dotou-nos de criatividade e engenho. Ele plantou essas qualidades nas nossas canções e poesia. Podemos aproveitar a criatividade ao serviço da vida e evitar tudo o que leva à morte.*

Conforme asseveraram aqueles bispos aos filipinos, dezenas de anos atrás, apesar do cenário preocupante, multiplicam-se sinais que dão esperança e há que saber vê-los: múltiplas opções por estilos de vida equilibrados e bem integrados no meio ambiente; iniciativas em prol da casa comum e de todos os seus habitantes, que contrariam a

exclusão, sobretudo dos desfavorecidos, e os comportamentos predadores; obstáculos levantados com eficácia às medidas e empreendimentos míopes que visam beneficiar uns poucos à custa de muitos e do património comum; pais e educadores que geram, inspiram e dão espaço a novas gerações, mais sensíveis e exigentes quanto ao bem comum. Tudo isto revela que «o Espírito de Deus, que pairava sobre as águas e criou originalmente a vida a partir do caos, está hoje a induzir homens e mulheres, tanto dentro como fora da Igreja, a dedicarem as suas vidas a fomentar e proteger a integridade da Criação».

Para que tudo isto ganhe a força de uma torrente imparável em defesa da vida, precisamos de partir de uma visão integradora à qual possamos recorrer para nos orientar. Esta visão deve resultar da nossa compreensão do mundo como Deus quer que ele seja, com base na nossa fé e através da Escritura (cf. Gn1, 1-2.4; Gn 2, 19-20). A relação de Deus com a humanidade e todos os seres vivos ficou expressa na aliança estabelecida com Noé, depois do dilúvio (Gn 9, 1-19). Cada vez mais, devemos entender que «o compromisso de actuar pela justiça e para preservar a integridade da criação contém estas duas dimensões inseparáveis da nossa vocação cristã para trabalhar para que o Reino de Deus venha no nosso tempo».

Cristo deixou-nos essa visão muito clara, na forma como viveu neste mundo e exortou os discípulos ao despojamento. Mais do que isso:

*A nossa fé diz-nos que Cristo é o centro da história humana e da criação. Todo o desenrolar tão rico do universo e toda a vida que emerge e floresce na Terra se centram nele (Ef 1, 9-10; Col 1, 16-17). A destruição de qualquer parte da criação, em especial a extinção das espécies, desfigura a imagem de Cristo que está gravada na criação.*

No fim, o documento contém ainda uma série de recomendações que também hoje fazem sentido. E concluem, dizendo:

*Estamos convencidos de que o desafio que tentámos destacar aqui é semelhante ao que Moisés apresentou ao povo de Israel antes de este entrar na Terra Prometida: “Ponho diante de cada um de vós a vida e a morte, a bênção e a maldição. Escolhe a vida para viveres, tu e a tua descendência (Dt 30, 19).*